

Os Desafios e a Aprendizagem do Olhar

Dirce Encarnacion Tavares

CV: <http://lattes.cnpq.br/4345506272562072>

“Quem não compreende um olhar tampouco compreenderá uma longa explicação” (Provérbio árabe, citado por Mário Quintana).

Somos motivados por desafios, mas para que eles surtam efeito, é necessário pensar e agir no desejo de fazer a diferença. De algum modo podemos contribuir para que o aprender a olhar seja de fato o meio de emancipar a humanidade de sua intransigência, repugnância e rigidez frente ao conhecimento. Rever a escola de hoje é ação consequente, reflexiva e auto questionadora; rever a escola de hoje é buscar a teoria que leva à ação e a ação que leva à teoria: rever a escola de hoje é sentir a necessidade de transformá-la, é enfrentar os inúmeros desafios presentes nos erros e acertos e, dignamente, reaprendermos a olhar, para aprender a amar. E aprender a amar é um pilar para a educação do século XXI.

É interessante a fala de uma gestora de uma escola pública municipal da zona norte de São Paulo, num encontro que participamos em 2014, e da forma como ela utilizou muitas partes de um texto sobre o olhar, entregue ao grupo. Ela escreveu outro texto que, considerando parte de sua própria experiência, pode ter construído uma nova forma de olhar e de enxergar as situações desejadas e apresentadas em sua vida.

Talvez seja este um de nossos objetivos e do nosso papel de educador. Encontrar brechas e oportunidades para que o outro possa ser rever, resgatar sua história e analisar como ela pode ser revisada, repensada e reconstruída.

Nesse texto a pretensão não é a de mudar o outro, mas contribuir para que o outro possa se especular, se analisar e refazer por si mesmo, de forma consciente. Se pensar em minhas atitudes como modelo, posso me decepcionar, porque o outro deve ir além do que é proposto e do que é apresentado por mim. Se posso orientar, se posso contribuir, se posso apresentar uma parte de minha experiência, devo fazê-lo. Mas, não posso me colocar como um mestre ao qual os

discípulos se cheguem para serem seguidores fiéis. Eles devem voar seus próprios voos e ir além. A ideia é que avancem e prossigam o seu caminho com autonomia e segurança, perfazendo um novo momento, uma nova história, um novo caminhar.

Fazenda, Tavares e Godoy (2015) alerta sobre a necessidade de um olhar mais humanizado, no sentido de olhar e enxergar dentro de si mesmo, não para se robotizar, mas para obter mais conhecimento sobre a própria identidade. É imprescindível ter um olhar amplo e apurado para reconhecer o momento atual como uma oportunidade única para abrir novas fronteiras para a própria vida (GUEVARA e FAZENDA, 2013).

Muitas vezes negligenciamos olhar as pessoas que convivem conosco em nosso dia-a-dia. É como se elas vivessem no anonimato, como alguém sem importância, insignificante. Não percebemos seus sentimentos, suas necessidades. Pior não percebemos que elas existem.

Por outro lado, o discurso de que é preciso amar primeiramente a si mesmo para poder amar o outro, ignora o fato de que na origem do amor a si existe um olhar inicial de valia, que em um determinado momento nos fez sentir um ser especial. A construção da autoestima não se dá de outra maneira que não pela repetição desse olhar no decorrer de nossas vidas, pois nossa identidade é social e só pode ser construída na relação com o outro.

Historicamente, da filosofia de Sartre à psicanálise de Freud e Lacan, a questão do olhar ocupa lugar primordial na discussão da constituição do ser. Mesmo que tais teorias caminhem em direções distintas, convergem na ideia de que a relação do nosso olhar com o do outro é fundamental, e é o que nos constitui enquanto ser. A dialética do olhar é como no jogo de espelhos, quando vamos colecionando, ao longo da vida, nossas identificações. É aí que construímos aquilo que somos, que chamamos de identidade, de formação do “eu”.

Ao refletir e discutir sobre o olhar, a expectativa é, em primeiro lugar, como e porque os indivíduos podem repensar sua forma de ver e de enxergar as coisas à sua volta. Em segundo lugar, que eles imaginem como melhor desenvolver o seu olhar, principalmente no papel de educador. Entendo que não é uma aprendizagem fácil e rápida. É uma proposta a ser desenvolvida durante toda uma vida. Quando pensamos que já conseguimos alcançar algumas vitórias, é aí que estamos iniciando a complexa tarefa de enxergar e apreciar o entorno as pessoas que nos cercam, e, principalmente, a nós mesmos.

Enxergar o entorno envolve não só uma questão pessoal, mas todo o ser emocional, intelectual, espiritual, além de social, ético, histórico e cultural. O desejo pode ser o primeiro passo para esse ritual inicial, mas, o desenvolvimento das percepções, das sensações e das situações variadas que aparecem no cotidiano, são as novas aprendizagens que vão nos ajudar a exercitar a aprendizagem do olhar e da própria existência.

Apesar de pesquisar por muitos anos os conceitos sobre o olhar e buscar vivenciar esta experiência, senti a necessidade de aprofundar outras abordagens que me auxiliaram nessa tarefa. Fui atrás de outros indivíduos que me deram novos *flashes*, como entender melhor sobre a questão do “amor”, o “toque”, a “identidade”. Enfim, foram nos encontros com Ivani Fazenda na PUC/GEPI/SP, que pude beber e vivenciar seus conhecimentos vívidos e profundos. Eles são expostos a todos que queiram e que procuram e buscam a transformação. Foi na experiência e na atitude interdisciplinar profunda e exemplar dessa educadora e desse grupo que encontrei o desejo de exercitar o meu olhar, que encontrei perspectivas de um viver compartilhado e de compartilhar o meu viver.

Neste texto, busco relembrar uma aprendizagem que vem sendo esquecida: os desafios do exercício do olhar. Neste período que denominamos de modernidade, pós-modernidade ou contemporaneidade, busco aqui, restaurar, em poucas palavras, que um olhar tem muito para ser revisto e explicado.

Entendendo que para compreender o olhar é preciso, primeiramente, exercitar. Taylor (1997, p. 11) informa que para compreender o mundo contemporâneo, é necessário fazer um exercício de restauração. Vivemos num momento de descartabilidade. Descartamos tudo, como bens de consumo, ideias, amizades, mas também descartamos um bem precioso: as pessoas. Quando renegamos o ser humano, passamos a não mais entendê-lo, pois deixamos de olhá-lo. Ao perdermos esse meio de comunicação pelo olhar, vários outros aspectos também entram em crise, como os relacionamentos, a afetividade, o respeito, o amor, a humildade e a própria observação. O que é observar? Chauí (1988, p. 33) responde que: “é o olhar atento de quem quer ver”. É educar o olhar para enxergar além das aparências, é acompanhar o movimento, contemplar e examinar o mundo do desconhecido (TAVARES, 2008, p. 166).

Penso no olhar como uma forma mais ampla de ver o mundo, penso como uma aprendizagem que se constrói desde o momento da fecundação. Quando os pais, mesmo sem ver a criança, sabem que ela está lá, conversam, cantam, acariciam e a percebem como um ser, que não importa quando venha ao mundo, porque ela já faz parte dele. Quando a criança nasce, o que vê? Vultos de pessoas que fazem parte de sua história já outrora em construção. Estes não percebem a beleza de fazer parte dessa história. Não só eles não percebem, mas isto passa também despercebido pela grande maioria dos educadores.

A criança já tenta ao nascer acompanhar esses vultos com os olhos e vai aprendendo a leitura do olhar que para o adulto não é mais perceptível. Com isto, a criança tem esta percepção bastante aguçada, vai deixando de entender o que os pais querem transmitir com o olhar. E é aí, mais tarde, quando seus olhos se abrem para o mundo e a criança começa a descobri-lo, percebe que nem tudo é encantamento, fantástico, maravilhoso. Sem um olhar mais aprimorado, os educadores têm dificuldades de explicar, por outro lado, que nem tudo é assombro, espanto e temível.

Nietzsche (*apud*: Rubem Alves, 2010), certa vez, disse que a primeira tarefa da educação é ensinar a ver. É a primeira tarefa porque é através dos olhos que as crianças pela primeira vez tomam contato com a beleza e o fascínio do mundo. Os olhos precisam ser educados para que a alegria, a percepção e a criatividade aumentem. Os olhos das crianças não veem a fim de perturbar ou de discriminar. Seu olhar não tem nenhum objetivo prático. Elas veem porque é divertido, é prazeroso ver.

Para Gaiarsa (2000), as crianças entre 4 e 5 anos já têm a passagem do visual para o verbal. A criança vê melhor que o adulto, mas aos poucos vai limitando sua visão pelo preconceito social: não pode dizer tudo o que percebe, sente e vê. Cegar o indivíduo é uma arma da sociedade autoritária para que ele nunca mais encontre o caminho.

Então passamos a nos comportar como se fôssemos cegos. O olhar da consciência utiliza-se dessa ferramenta como exigência social perigosa e vai se reprimindo. Muitas vezes, o indivíduo vai adquirindo neuroses, que nada mais são do que a rigidez do comportamento, ou seja, o medo de mudar. Porém, a escolha entre o enfrentar e o fugir é um dos segredos da sabedoria da vida.

Os educadores precisam ter cuidado com suas atitudes. Elas são mais que formas de estar no mundo. O tipo de vida modela o corpo. Não existe uma única atitude ou postura, mas várias. Se não refizermos nossas atitudes e gestos, não mudará nada em nós mesmos. A lei de Newton diz que “toda ação produz uma reação igual e contrária”. Para nós: ação é o gesto e a reação é a postura. Postura é o modo individual de nos opormos à gravidade, ou seja, de mantermos o equilíbrio. Postura é a raiz de meu modo de estar no mundo. Ao fazer a leitura corporal de alguém, com os nossos olhos, convém separar a posição postural das expressões do rosto. O rosto está no aqui e no agora. Não é na expressão do olhar, mas na direção do olhar que o indivíduo se compromete. Muitas vezes, os nossos olhos querem olhar coisas que deveriam ignorar e deixam de olhar o que deveriam ver.

Temos a tendência de pensar que vemos as coisas como elas são. Não vemos o mundo como ele é, mas como nós somos, como fomos condicionados a vê-lo. Nós o vemos de acordo com nossas percepções, nossos paradigmas, de acordo com a lente específica de nossa própria experiência.

O homem é um animal visual, não porque vê melhor do que os outros animais, mas porque os nervos óticos, ao entrar no cérebro, controlam, ligam-se ou exercem influência sobre quase todo o cérebro. Isto só acontece com o homem. Por isso o sentido de defesa do homem é mais aguçado para reagir a qualquer ameaça. Não conhecemos nossas próprias defesas, pois elas se alteram por uma série de fatores.

O cérebro é composto por volta de 2/3 de olhar, mais 2/3 de motricidade. É uma máquina perfeita para imitar, porque o cerebelo, órgão exclusivo motor, tem mais neurônios que todo o resto do cérebro.

Historicamente, quando Sigmund Freud, considerado o pai da psicanálise, no século XIX, cria o instrumental do divã, afastando o olhar, traz para o nosso mundo moderno uma forma de explicar que não convém dizer o que estamos vendo no outro; basta ouvirmos a nós mesmos (GUAJARSA, 2002).

Mas o que é um olhar? Por que o olhar é tão importante? Os olhos são peças anatômicas assustadoras em si mesmas que guardam mistérios incalculáveis. Fica evidente que o olhar não se encontra somente nos olhos. Quando olhamos algo ou alguém, o vemos com todo o nosso

ser. Nosso rosto se modifica, nosso corpo se altera e, numa postura total e interdisciplinar, nosso rosto busca ir desvendando todo o mistério do olhar.

O olhar tem um poder transformador. Pessoas que deixam de se olhar impedem que os outros também as olhem e isto obscurece os relacionamentos, levando a situações desastrosas das mais variadas possíveis. Jung (apud: GAIARSA, 2000) diz que quem não se envolve não se desenvolve. O olhar é, para o ser humano, um dos meios mais eficientes para se autoconhecer, para se aproximar do outro e para conquistá-lo.

É com o olhar que se desenvolve a empatia. Para criar a empatia com alguém, basta utilizar a técnica de olhá-lo e a imitá-lo. Logo, vemos que o outro também passa a nos olhar. Por isso que se diz que empatia é se colocar na pele de alguém. Já a simpatia, cuja essência é sim-patos, é sentir junto, sem arremedá-lo.

Veja essa deliciosa descrição da mãe ensinando o filhinho a andar, mencionado por Alves (2010): “Quando a criança aprende a andar, a mãe não discorre, nem demonstra, ela não ensina a andar, ela não representa (não anda diante da criança)”. A mãe sustenta, encoraja, chama (recua e incentiva). Ela monta a cena: a criança olha a mãe e a mãe demonstra pelo seu rosto que deseja o andar da criança. É o desejo, manifestado pelo olhar, de que a criança ande, que vai impressioná-la a andar. Desejo que assume forma sensível no rosto da mãe ou do pai que incita a criança ao aprendizado dessa coisa que não pode ser ensinada nem por exemplo e nem por palavras, mas pelo olhar.

O fato é que somos marcados pela cultura moderna, pela correria do mundo que nos cerca a não prestar atenção nos nossos olhos. Eles são mais importantes do que os cursos que fazemos, do que a profissão que escolhemos. O olhar tem o poder de despertar e de intimidar a inteligência. “O olhar é um poder bruxo!”, diz Alves (2010). A criança de olhar amedrontado e vazio, de olhar distraído e perdido, não consegue aprender. Grande parte delas já foi enfeitada pelo olhar repressor dos pais, do professor ou da sociedade. Precisamos cuidar de nossos olhos.... Esse olhar discriminador, repressor, maldoso tem o poder de fazer a inteligência de uma criança murchar ao invés de florescer. Ela continua lá, mas se recusa a sair para a aventura de aprender. Muitas pessoas comentam traumas familiares e escolares, sofridos quando mais jovens e permanecem repercutindo em suas vidas até a velhice. Sente medo dos olhares manipuladores, vazios ou sem vida, como também dos olhares perversos e reprovadores até

hoje. Por isso, muitos carregam o medo de não conseguir ensinar ou aprender. Recusam-se a olhar.

Quantas vezes estamos andando pelas ruas e, intuitivamente, percebemos que alguém está nos olhando. Ao virar rapidamente, o outro disfarça o olhar. Como sabemos que ele estava nos olhando? Ou, mesmo nos forçando a não direcionar o nosso olhar, ocorre que, repentinamente, somos afetados em todo o nosso ser. Que modificações essenciais aparecem em toda a nossa estrutura... Muitas vezes, não vemos o rosto da pessoa que está nos olhando, mas os passos nos informam de que há olhos que nos observam ou vemos uma câmera e entendemos que por trás há olhos que nos acompanham. Sem querer, mudamos nossa postura, perdemos nossa naturalidade.

Olhos que não vemos — mas sabemos sem ver, pelas nossas percepções e intuições — estão nos olhando e provocando alterações em todo o nosso corpo, em todo o nosso ser. O olhar produz alterações no íntimo das pessoas. O olhar tem poderes energéticos. É um poder bruxo, como diz Rubem Alves. O olhar tem o poder da conquista, do medo, da raiva, da ternura, da compaixão, do desejo, da solidão...

Quando aprendemos olhar, as coisas não mudam de lugar, mas damos novos valores a cada uma delas. Não se aprende ou se ensina sem educar o olhar. O ato de ver não é algo natural, precisa ser aprendido durante toda a vida e é aí que os olhos do olhar vão se abrindo para as múltiplas direções. Portanto, educar o olhar possibilita enxergar além das aparências, se estende a acompanhar o movimento, contemplar e examinar o mundo do desconhecido. Não se vê, se analisa ou avalia somente com o pensamento, mas com a emoção, com a percepção, com o físico, ou seja, com todos os sentidos, com o ser total (TAVARES, In: CONCEIÇÃO et al, 2011, p. 115).

Assim sendo, com o passar dos anos, todas as pessoas, mas principalmente o educador, devem aprimorar a forma e o prazer de olhar. Tanto o olhar interior, para dentro do ser, quanto o olhar exterior, para as coisas e para as pessoas que estão ao seu redor, como, também, para a imensidão do mundo. Importante desenvolver a Pedagogia do Olhar, para não perder a essência de ver, enxergar e abraçar a sala de aula com os olhos, antes de trabalhar conteúdos e habilidades. Essa atitude permite um melhor desenrolar de todo o processo de ensino e de

aprendizagem, possibilitando um aconchego, uma aproximação com o conhecimento de forma interdisciplinar.

Não vemos o que nossos olhos veem, porque só conseguimos ver o que está dentro de nós. Vemos o que somos. Por isso para ver é preciso ser. Só assim conseguimos ver o que está no **horizonte do invisível**, porque a paisagem do horizonte está dentro da alma. Isso é um mistério indizível.

O ato de olhar e observar é a única chave que abre a porta desse mistério. São poucos os que conseguem olhar e discernir a beleza do imperceptível. São poucos os que conseguem olhar e se encantar com a magia de estar no mundo. Portanto, se pudéssemos deixar um recado, diríamos: se podes olhar, vê. Se podes ver, repara, enxergue os detalhes, pois são eles que transformarão sua vida.

Cabe a cada um de nós buscar dentre tantos olhares, aos quais nos oferecemos todos os dias, aqueles que possam nos trazer algo genuinamente autêntico e salutar. Como desafio, vamos buscar os bons encontros, que a partir de forças agregadoras fomentem na gente tudo aquilo que diz respeito à vida, à união e à religação. Olhares que vão se exercitando para melhorar o nosso olhar. São esses que entrarão em nossas vidas e nos ajudarão a nos tornarmos versões melhores de nós mesmos, das quais possamos nos orgulhar e nos perceber mais humanos.

REFERÊNCIAS:

ALVES, Rubem. **Educação do olhar**. Disponível em:

<http://rubemalvesdois.wordpress.com/2010/08/>. Acesso em: 20 set. 2013.

CHAUÍ, Marilena de S. Janela da alma, espelho do mundo. In: NOVAIS, A. (Org.). **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

FAZENDA, Ivani Catarina A.; GUEVARA, Arnald J. de Hoyos. **A sustentabilidade é a causa, a interdisciplinaridade o caminho**. Revista Pátio: Ensino médio, profissional e tecnologia. Ano V, março/maio 2013.

FAZENDA, Ivani; TAVARES, Dirce Encarnacion; GODOY, Hermínia. **Interdisciplinaridade na pesquisa científica**. Campinas-SP, ed. Papirus, 2015.

GAIARSA, José Ângelo. **O olhar**. São Paulo: Gente, 2000.

NIETZSCHE *apud* ALVES, Rubens. **Educação do olhar**. Disponível em: <http://rubemalvesdois.wordpress.com/2010/08/>. Acesso em: 20 set. 2013.

TAVARES, Dirce Encarnacion. Os desafios e a aprendizagem do olhar. In: VARELLA, Ana Maria; FAZENDA, Ivani. **Gestão educacional e Interdisciplinaridade: Desafios e possibilidades**. São Paulo, 2017, pp. 109-119.

_____. **A presença do aluno idoso no currículo da universidade contemporânea: uma leitura interdisciplinar**. Tese (Doutorado em Educação/ Currículo) — Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2008.

_____. A educação dos sentidos não tem idade. In: CONCEIÇÃO, Maria Helena E. da et al. **Uma vivência interdisciplinar na educação dos sentidos**. São Paulo: Ícone, 2011.

TAYLOR, Charles. **As fontes do SELF: a construção da identidade moderna**. São Paulo: Loyola, 1997.

Reflexões

Dirce Encarnacion Tavares

CV: <http://lattes.cnpq.br/4345506272562072>

É interessante a fala da gestora e da forma como ela utilizou muitas partes do texto entregue ao grupo, sobre o olhar, refazendo outro material que, tomando parte de sua própria experiência, pode ser construído uma nova forma de ver e uma nova forma de enxergar as situações desejadas e apresentadas em sua vida.

Talvez seja este o nosso objetivo e o nosso papel de educador, deixar brechas e oportunidades para que o outro possa ser rever, resgatar sua história e analisar como ela pode ser revista, repensada e reconstruída.

Não tenho a pretensão de mudar o outro, mas contribuir para que o outro possa se especular e se refazer. Se pensar em minhas atitudes como modelo, posso me decepcionar, porque o outro deve ir além do que é proposto e do que é apresentado por mim. Não posso me colocar como um mestre aonde os discípulos se achem para serem seguidores fiéis, mas que avancem e prossigam o seu caminho com autonomia e segurança, perfazendo um novo momento, uma nova história, um novo caminhar.



Ao refletir e discutir sobre o olhar, a expectativa é, em primeiro lugar, como os ouvintes podem repensar sua forma de ver e de enxergar as coisas ao seu entorno. Em segundo lugar, que eles imaginem como melhor desenvolver o seu olhar, principalmente, no papel de educador. Entendo que não é uma aprendizagem fácil e rápida. É uma proposta para ser desenvolvida durante toda uma vida. Quando pensamos que já conseguimos alcançar algumas vitórias, aí é que estamos iniciando a dura tarefa de enxergar e apreciar o entorno, as pessoas que nos cercam, e, principalmente, a nós mesmos.

Enxergar o entorno envolve não só uma questão pessoal, mas todo o ser emocional, intelectual, espiritual, social e cultural. O desejo pode ser o primeiro passo para esse ritual inicial, mas, o desenvolvimento das percepções, das sensações e das situações variadas que aparecem no cotidiano, são as novas aprendizagens que vão nos ajudar a exercitar a aprendizagem do olhar.

Apesar de pesquisar por muitos anos e buscar vivenciar esta experiência do olhar, senti a necessidade de aprofundar outros parâmetros que me auxiliaram nessa tarefa. Fui atrás de outros indivíduos que me deram novos *flashes*, como entender melhor sobre a questão do “amor”, sobre o “toque”, sobre a “identidade” e enfim, foi nos encontros com Ivani Fazenda na PUC/GEPI/SP, que tem uma atitude interdisciplinar profunda e exemplar, que pude beber e vivenciar dos seus conhecimentos vívidos e profundos. Eles são expostos a todos que procuram e buscam a transformação.

